



A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E O SEU NÃO LUGAR DIANTE DAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

THE LONELINESS OF THE BLACK WOMAN AND HER NO PLACE IN AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONS

Marcyia Eduarda Borges MARTINS
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: marcyaebm@gmail.com
ORCID: 0009-0002-2633-9902

Eduardo Fagner Machado PINHO
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: pinho.eduardo@gmail.com
ORCID: 0000-0003-0589-7403

Jordana Carmo de SOUSA
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: jordana.sousa@unitpac.edu.br
ORCID: 0009-0002-1319-9971

RESUMO

Foi pesquisado sobre a solidão da mulher negra e as relações afetivo-sexuais, a fim de compreender como se dá a construção da solidão e o impacto disso na vida desta mulher. Para tanto, é necessário investigar como se deu a construção da visão da sociedade brasileira diante da mulher negra, identificar quais fatores as levam a estarem na condição de solidão nas relações afetivo-sexuais e problematizar através da percepção destas diante da relação de não-lugar, evidenciando os possíveis danos dessas relações. Realizou-se, então, uma pesquisa básica estratégica com objetivo descritivo e exploratório, abordagem qualitativa, método hipotético dedutivo e procedimento bibliográfico. Diante disso, verificou-se que a solidão não é algo natural, mas sim imposto a essa mulher, de modo que lhe causa um sofrimento psíquico, e a coloca em não lugar diante das suas relações.

Palavras-chave: Mulher negra. Solidão. Afetivo-sexual. Não-lugar. Sofrimento.

ABSTRACT

Research was carried out on the loneliness of black women and affective-sexual relationships, in order to understand how loneliness is constructed and its impact on this woman's life. Therefore, it is necessary to investigate how the vision of Brazilian society was constructed in relation to black women, to identify which factors lead them to be in a condition of loneliness in affective-sexual relationships and to problematize through their perception of the relationship of non-place, highlighting the possible damages of these relationships. A strategic basic research was then carried out with a descriptive and exploratory objective, a qualitative approach, a hypothetical deductive method and a bibliographic procedure. In view of this, it was found that loneliness is not something natural, but imposed on this woman, in a way that causes her psychic suffering, and puts her in a non-place in relation to her relationships.

Keywords: Black Woman. Loneliness. Affective-sexual. Non-place. Suffering.

INTRODUÇÃO

A mulher negra é submetida a uma sucessão de estereótipos, que foram construídos desde o período da escravidão, passando inicialmente a ser reconhecida como mãe preta, sendo ama de leite dos filhos dos senhores e a mulata, sendo a negra de pele clara que podia transitar pela casa grande e que também servia de objeto sexual dos senhores. Ao longo do tempo os estereótipos foram aumentando e se consolidando cada vez mais, a mãe preta e a mulata também se tornaram aquela que não sente dor, a que não nega fogo, a que não serve para casar, a mulata boazuda e outros mais (CANDIDO & JUNIOR, 2019). Busca-se compreender a construção dos estereótipos e o seu impacto na vida das mulheres negras brasileiras. Para compreender essas relações, foi investigado como se deu a construção da visão da sociedade brasileira diante da mulher negra, os fatores que levam as mulheres negras a estarem na condição de solidão nas relações afetivo-sexuais e como autores negros entendem os possíveis danos causados pelos estereótipos impostos ao corpo negro.

As mulheres em geral precisaram lutar por seus direitos, nenhum lhes foi dado, não poderia ser diferente com a mulher negra, porém, devido a questão da racial, a

mulher negra precisou e precisa se esforçar mais ainda para conquistar seu espaço e ter voz (GONZALEZ, 2020, p. 144). Mulheres negras e pardas vivenciam mais a violência do que mulheres brancas, de 1.350 mortes por feminicídio, em sua maioria é de mulheres negras (MUGNATTO, 2021). Logo, a relação da violência implica também em dizer quais são essas relações que a mulher negra é submetida, sendo necessário investigar qual visão se tem sobre essa mulher.

Os percursos que levaram a construção dos estereótipos sobre a mulher negra, foi composto pelo processo de escravização da população negra no Brasil. Entende-se que o período de escravidão ocorrido no Brasil (1550-1888), trouxe consequências sociais, sobretudo no que se diz respeito a forma com que a sociedade vê o povo negro, especificamente, nesse caso, a mulher negra. É sabido que o período da escravidão, em muitos lugares do mundo submetia pessoas negras a trabalhos forçados, sofriam violências de todo gênero, tudo isso gerado a partir de uma perspectiva que os colocavam como seres inferiores, sem alma e inumanos. (GONZALEZ, 2020, pp 29).

Pensando nisso buscou-se entender sobre a temática a fim de entender suas raízes históricas-culturais, e compreender como essas mulheres são afetadas nas suas relações afetivo-sexuais a partir desse não-lugar que são acometidas devido a toda relação histórica que se encontra enfiada na sociedade brasileira.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sendo este trabalho constituído a partir de uma pesquisa científica, que se encontra vigente em todas as áreas da ciência. Com ela é possível investigar, comprovar, refutar, solucionar ou responder algum evento pesquisado (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021). Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que tem como uma de suas funções buscar atualizar algo que já foi escrito de forma crítica, no intuito de enriquecer o assunto tratado. É através dela que se dá o pontapé inicial em uma pesquisa, pois o autor irá se aprofundar sobre o tema ao buscá-lo em livros, revistas, artigos e etc. (SOARES; PICOLLI; CASAGRANDE).

Diante disso, compreende-se que esta pesquisa se constitui através do olhar crítico acerca de autores referências no tema abordado, como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Bell Hooks e Ana Cláudia Lemos Pacheco. Além de outros pesquisadores do tema, sendo referenciados ao longo deste projeto. Para a consumação deste, foram

utilizadas algumas ferramentas para a constituição do referencial teórico, como Scientific Electronic Library Online - SCIELO, Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PEPSIC e livros físicos e online.

A metodologia de pesquisa utilizada será de cunho exploratório, sendo ela capaz de, principalmente, metamorfosear conceitos já estabelecidos, ou até mesmo ideias já consolidadas. Busca também ampliar o campo de visão acerca de determinado tema a ser pesquisado (Gil, 2008).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A mulher negra e escravidão

Durante o período de escravidão, mulheres negras eram animalizadas, colocadas à disposição de um sofrimento terrível, que ia desde o trabalho no campo até a prática de abuso sexual por homens brancos, proprietários das mesmas. A mulher negra foi colocada no lugar da mãe preta e da mulata, ambos associados à servidão (DOS SANTOS, 2017). A hiper sexualização da mulher negra pode ser vista em telenovelas como “Escrava Isaura”, onde a jovem mulata é o objeto de desejo do senhor, como também na película “Vênus Hotentote” que mostra a terrível vida de Sarah Bartmann, que foi exibida em toda a Europa devido seus seios fartos e nádegas protuberantes, e quando morta, foi mutilada e utilizada para satisfazer o fetiche ou repulsa de pessoas brancas (HOOKS, 2014).

A experiência de vida de uma mulher afrolatina, vem a se diferenciar de outras, no sentido em que a colonização causou um impacto na percepção das pessoas frente a esse grupo de forma diferente em relação a outros locais que passaram por um processo parecido de escravidão, visto que a imagem da mulher negra no Brasil, foi associada constantemente a esses estereótipos comentados anteriormente, sendo eles reforçados por novelas, filmes, propagandas e etc. (CANDIDO & JUNIOR, 2019). Porém, engana-se quem deduz que o que permite a propagação disso é apenas o racismo ou somente uma estrutura de construção social, a estrutura racista, faz parte do capitalismo, que por sua vez, é também patriarcal. Ou seja, tem-se uma percepção masculina e eurocêntrica frente a essas mulheres (DA CRUZ, 2021).

O Brasil passa por um processo de miscigenação, iniciado no próprio período escravista, onde mulheres negras eram abusadas sexualmente por homens brancos,

dando à luz por muitas vezes aquele que era definido com a junção de preto e branco, o mulato. Ser branco já era um sinal de prestígio social, afinal, eles sim eram humanos, civilizados (GUIMARÃES, 2019, p. 51). Mas ser menos negro também dava uma breve parcela de liberdade, onde uma mulher mulata poderia estar dentro das casas e não necessariamente no campo.

Conta-se também com a noção de que o Brasil foi formado por uma diversidade étnica, porém tendo por sua maioria, pessoas negras as quais tiveram sua ancestralidade invisibilizada pelo dito branco. Sendo esse um fator que vem a dificultar ainda mais essa relação, é que a cultura africana e a ancestralidade, no Brasil é constantemente invisibilizada, afastando essas mulheres do reconhecimento de si mesmas (BERNARDO, 2018). A falta desse pertencer a algo, afeta na subjetividade do sujeito, modificando a forma com ele vê o mundo. Essa mulher poderia enfrentar esse estereótipo através do conhecimento sobre sua cultura, encontrar uma forma de empoderamento, e subjetivação. A mulher negra é jogada em um limbo de rejeição, ela desconhece seu passado, não se vê pertencente ao seu presente e nem se encontra em seu futuro (GONZALEZ, 1984).

Os caminhos para a solidão

Compreende que a solidão da mulher negra não é uma decisão voluntária, e sim uma consequência da construção social que afeta toda a história deste grupo. Diante disso, entende-se que a mulher passa por um processo de preterimento, onde os muros sociais erguidos pelo racismo e seus correlatos, fazem com que o racismo seja considerado espécie de truque social, na acepção de se tornar simbolicamente conveniente para a continuação e existência da ordem social, que é recriada por aqueles que a dominam. Assim, a mulher negra é jogada nesse antro de rejeição e exclusão, que acaba ocasionando sofrimento psíquico e danos as suas relações afetivo-sexuais (JARDIM & PAOLIELLO, 2022). Essa relação é amplificada a partir do racismo, que compreende a superioridade da raça branca, sendo assim, aquilo que é antagônico (o preto), não é visto como um sujeito digno das relações sociais (SANTOS, 2018).

É compreendido que existem vários fatores para que a mulher negra seja colocada em um não-lugar diante das suas relações. O mito da democracia racial desenha um Brasil onde pretos, indígenas e brancos vivem em completa harmonia,

porém o que ocorre é o genocídio e invisibilidade desse sujeito e se encontra fincado no imaginário social. A miscigenação foi um meio de amenizar a parte “ruim” de um sujeito que poderia ser negro retinto, pois, ser mais claro poderia configurar uma liberdade maior do que uma pessoa mais escura. Quanto mais claro um sujeito for, mais próximo ele se encontra da ascensão social (GONZALEZ, 1984).

O conceito de "não-lugar" foi introduzido pelo antropólogo francês Marc Augé em seu livro "Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade" (1992). Ele se refere a espaços que são caracterizados pela transitoriedade e falta de identidade, como aeroportos, estações de trem, shopping centers e outros locais de trânsito rápido. A solidão da mulher negra em espaços públicos pode ser vista como uma experiência de não-lugar, já que ela pode se sentir deslocada e invisível em ambientes em que a presença negra é minimizada ou ignorada, e possivelmente, ambos.

Para sobreviver, as mulheres negras precisavam tomar uma posição de firmeza frente aos assédios permanentes e hiper sexualização da sua imagem, essa firmeza passou a ser vista como agressividade e independência, reforçando a ideia de que a mulher precisa ser alguém forte, madura e responsável. Porém, o patriarcado compreende essa posição da mulher como se isso fosse uma forma de ser autossuficiente, afastando-a da ideia de que também precisa de cuidado, atenção e carinho (DAVIS, 2016).

Todos esses fatores levam as mulheres negras e pardas para os caminhos da solidão a partir do seu preterimento. O embranquecimento afeta psicologicamente toda a população negra chegando em um ponto onde o próprio negro é levado a preferir relações brancas. O preterimento do homem negro em relação a mulher negra ocorre no tocante em que a idealização da ascensão só virá por meio da brancura, o empenho do homem negro em se branquear se dá devido ao branco ser enxergado como humano e digno, o negro então se finda em si mesmo para viver um ideal de si que se encontrada apenas na sua fantasia, pois, mesmo venha acender socialmente, não deixa de ser negro (FANON, 2008).

Um retrato do impacto da solidão na vida da mulher negra

A concepção de valores se dá através do pacto da branquitude, onde utiliza-se das relações de poder político-histórico-econômico em prol da superioridade em torno da população negra, adotando uma perspectiva narcísica, onde se tem aversão ao que difere de si. Diante dessa perspectiva, pensa-se nas relações afetivas do sujeito, que se depara constantemente com a desigualdade racial profundamente difundida pela estrutura racista existente (FANON, 2008, pg 106).

O impacto causado pelo não-lugar da mulher negra diante de suas relações afetivo-sexuais pode ser retratado de duas maneiras, existe uma perda social e um prejuízo psicológico. Essa mulher é acometida por mazelas da solidão, sendo o preterimento diante de tais relações um dos fatores determinantes para a perda identitária dessas mulheres, que acabam se submetendo a relações abusivas, repletas de violência em todos os níveis e de desprezo (DAMASCENO & ZANELLO, 2019). A negação do afeto constante expõe essa mulher ao auto ódio, passando a se negligenciar e abandonar hábitos que poderiam ajudá-lo a ressignificar as relações a qual permeia, sendo isso decorrente do racismo estrutural (VIEIRA, 2020).

A solidão vivenciada pela mulher negra é consequência de diversos fatores, justificados a partir do racismo, sendo ela um produto da branquitude. A solidão não está necessariamente ligada a uma experiência única e individual, ela pode se encontrar nas esferas coletivas e vivência em comunidade. Ela ignora a classe social, podendo também atravessar mulheres negras com prestígio social. Essa solidão permeia todas suas etapas de vida, que vão desde a infância até a velhice. A criança negra experimenta o preterimento em suas amizades, a menina negra que nunca é escolhida para os trabalhos em grupo, ou até mesmo a que nunca recebeu uma cartinha de amor do menino que ela admirava (VIEIRA, 2020). Muitas vezes essa criança é vítima das famosas listas das garotas mais feias da escola. Seus lábios não são rosados, seu cabelo não é liso, não se aproximam do padrão imposto socialmente, o do colonizador.

A mulher negra é acometida pela ausência da sua identidade, o que a leva a estar em um local e não se sentir pertencente a ele, ela se vê sendo obrigada a acatar padrões estéticos para ser minimamente quista frente a relações amorosas, se depara com a

opressão constante de não conseguir ser acalentada pelo afeto e amor. Ela é submetida a violências simbólicas para receber o básico dentro de suas relações, e a afetividade sendo um ponto crucial para o desenvolvimento humano passa a ser escasso para essa mulher que precisa se deparar com toda essa relação todos os dias (PACHECO, 2008).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A solidão afetivo-sexual é um tema muito presente na vida das mulheres negras, que enfrentam diversos obstáculos em suas relações amorosas. Uma das grandes razões para isso é o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira e afeta diretamente a vida das mulheres negras. Conforme aponta Sueli Carneiro (2011) em seu livro "Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil", a discriminação racial é um dos principais fatores que afetam a autoestima e a autoimagem das mulheres negras, tornando mais difícil para elas estabelecerem relações afetivas saudáveis.

Além disso, as mulheres negras também enfrentam diversos estereótipos e preconceitos que afetam suas vidas amorosas. Como aponta Joice Berth (2019), em seu livro "Empoderamento – Feminismos Plurais", a mídia e a sociedade em geral frequentemente retratam as mulheres negras como hipersexualizadas e disponíveis para relações sexuais casuais, o que pode afetar a maneira como elas são percebidas pelos parceiros.

Outro fator que contribui para a solidão afetivo-sexual das mulheres negras é a falta de representatividade em espaços de sociabilidade. Segundo Djamila Ribeiro (2017), em seu livro "O que é lugar de fala?", a ausência de espaços onde as mulheres negras possam se encontrar e compartilhar experiências pode tornar mais difícil para elas encontrar parceiros que compartilhem de suas vivências e perspectivas.

A violência contra as mulheres negras é outro fator que pode afetar sua capacidade de estabelecer relações afetivas saudáveis. Como aponta Jurema Werneck (2016) em seu trabalho "Racismo institucional e saúde da população negra", a violência doméstica e a violência sexual são problemas muito presentes na vida das mulheres negras, o que pode afetar sua capacidade de confiar em parceiros e estabelecer relações amorosas seguras.

Segundo a escritora e ativista Djamila Ribeiro (2018), em seu livro "Quem tem medo do feminismo negro?", as mulheres negras são hiper sexualizadas e vistas como

objeto de desejo, mas raramente são valorizadas como parceiras em relacionamentos afetivos. Além disso, o racismo estrutural faz com que as mulheres negras sejam constantemente vistas como inferiores, o que pode afetar sua autoestima e autoconfiança nas relações interpessoais.

A escritora Bell Hooks (2019) em seu livro "Olhares negros, raça e representação" destaca que as mulheres negras sofrem com a falta de representatividade positiva na mídia e na cultura popular, o que pode levar a uma sensação de inadequação e isolamento. A falta de modelos positivos de mulheres negras em relacionamentos amorosos saudáveis e respeitosos pode reforçar a ideia de que as mulheres negras são menos valorizadas e desejáveis.

Além disso, a violência sexual é um fator que afeta de maneira desproporcional as mulheres negras, como aponta a socióloga Carla Akotirene (2019), em seu livro "Interseccionalidade". A violência sexual contra mulheres negras é frequentemente negligenciada e invisibilizada, o que pode gerar sentimentos de isolamento e medo em relação às relações afetivo-sexuais.

A falta de reconhecimento do desejo e da sexualidade das mulheres negras também é um fator que pode contribuir para sua solidão nas relações afetivo-sexuais, como aponta a escritora e ativista feminista Bell Hooks (2022), em seu livro "We Real Cool: Black Men and Masculinity". A autora destaca que as mulheres negras muitas vezes são vistas como "assexuais" ou "promíscuas", o que pode levar a uma falta de interesse e respeito por suas necessidades e desejos sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da pesquisa bibliográfica realizada, conclui-se que a solidão da mulher negra nas relações afetivo-sexuais é uma realidade que precisa ser compreendida e enfrentada pela sociedade brasileira. Entendeu-se como se deu essa construção da visão da sociedade diante da mulher negra, sendo a partir estereótipo estabelecido sobre a mulher negra, que a coloca em um não-lugar diante das suas relações, é fruto da construção histórica e social da visão da sociedade brasileira sobre a mulher negra. Foi possível verificar que a solidão não é algo natural, mas sim uma imposição a essa mulher, que foi acometida de estereótipos durante toda sua jornada. Sendo, visão limitada e estereotipada da mulher negra tem sido perpetuada ao longo

do tempo, fazendo com que as mulheres negras sejam vistas como seres sem emoções e sem direito a afeto e amor.

Portanto, permitiu-se concluir que as mulheres negras são prejudicadas afetivo-sexualmente no momento em que a sociedade as vê como apenas mulheres que não negam fogo e não servem para casar, além de serem rotuladas como raivosas e indignas de amor e afeto. Esses estereótipos construídos e impostos à mulher negra, assim como o racismo, foram cruciais para colocá-las em um não-lugar diante de suas relações afetivo-sexuais. Dessa forma, é fundamental compreender a importância de desmistificar o estereótipo da mulher negra na sociedade brasileira e criar espaços para que elas possam ser vistas em sua totalidade, como seres humanos com emoções, afetos e desejos.

Além disso, é importante destacar que a solidão da mulher negra não é um problema individual, mas sim um problema social, que afeta toda a comunidade. É necessário continuar debatendo e agindo em prol da inclusão e do bem-estar das mulheres negras, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária para todas. É preciso que a sociedade brasileira reconheça o valor e a importância das mulheres negras em nossa história e em nosso presente, valorizando suas vidas e suas relações afetivas e sexuais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_Carla_Akotirene.pdf?1599239359)>. Acesso em 27 abr. 2023.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. 9 ed. Campinas: Papius, 2012. 112 pp. ISBN 978-85-308-0291-2.

BERNARDO, 2018 - **A LENDA E A LEI: A ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo**. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7883127.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento - Feminismos Plurais**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. Disponível em:

Marcya Eduarda Borges MARTINS; Eduardo Fagner Machado PINHO; Jordana Carmo de SOUSA. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E O SEU NÃO LUGAR DIANTE DAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE JULHO. Ed. 43. VOL. 1. Págs. 474-486. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

<<https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CANDIDO, M. R.; FERES JÚNIOR, J. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. Estudos feministas, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CANDIDO, M. R.; FERES JÚNIOR, J. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. Estudos feministas, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg>>. Acesso em: 28. abr. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. Disponível em: <<https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/Racismo-Sexismo-e-Desigualdade-Sueli-Carneiro-1.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2023.

DA CRUZ, Mirella Rodrigues. **BLACK WOMAN'S SOLITUDE: : A HISTORY OF AFFECTIVE INVISIBILITY**. Revista Gênero e Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 2, n. 02, 2021. DOI: 10.51249/gei02.02.2021.222. Disponível em: <https://periodicojs.com.br/index.php/gei/article/view/222>. Acesso em: 18 oct. 2022.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. **Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 38, n. 3, p. 450-464, jul./set. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-37030003262017>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932018000300450&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOS SANTOS, T. S. **MULATA E MÃE PRETA DO SÉCULO XXI: DISCUTINDO REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL**. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499174405_ARQ_UIVO_ThaisSantosFazendoGenero.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato Silveira. [s.l.] EDUFBA, 2008.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed - São Paulo; Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 144 pp.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984. Disponível em:

Marcya Eduarda Borges MARTINS; Eduardo Fagner Machado PINHO; Jordana Carmo de SOUSA. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E O SEU NÃO LUGAR DIANTE DAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE JULHO. Ed. 43. VOL. 1. Págs. 474-486. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20>. Acesso em: 18 out. 2022.

GUIMARÃES, A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2019. 3ª edição- 2ª reimpressão.

HOOKS, B. **Black Looks: Race and Representation**. 2. ed. London, England: Routledge, 2014.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, bell. **Olhares negros: Raça e Representação**. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: <<https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/bell-hooks-Olhares-Negros.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2023.

485

JARDIM, M. C.; MEDEIROS PAOLIELLO, R. **Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto**. Revista TOMO, n. 41, p. 87-126, 12 jul. 2022. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/17483>>. Acesso em: 25 out. 2022.

MUGNATTO, Silvia. **Mulheres negras são maioria das vítimas de feminicídio e as que mais sofrem com desigualdade social**. [Brasília]: Agência Câmara de Notícias, 30 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/832964-mulheres-negras-sao-maioria-das-vitimas-de-femicidio-e-as-que-mais-sofrem-com-desigualdade-social/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

PACHECO, Ana Claudia Lemos et al. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. Disponível em: <<https://cdn.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf>>. Acesso em 20 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. Disponível em: <<https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14544.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SANTOS, R. L. **O corpo negro: a estética negra como forma de resistência**. 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538362746_A_RQUIVO_Copene.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em

Marcyza Eduarda Borges MARTINS; Eduardo Fagner Machado PINHO; Jordana Carmo de SOUSA. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E O SEU NÃO LUGAR DIANTE DAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE JULHO. Ed. 43. VOL. 1. Págs. 474-486. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018.

SOUSA, A. S., de OLIVEIRA, G. S., & ALVES, L. H. (2021). **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, 20(43). Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br>>. Acesso em 20 out. 2022.

VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. **EXPERIÊNCIAS DE SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO REPERCUSSÃO DO RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO**. Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 5, n. 10, p. 291-311, 2020. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>> Acesso em 20 out. 2022.

WERNECK, Jurema. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 abr. 2023.